

WERNER BAER: UM ARTÍFICE DO DESENVOLVIMENTO

Por Yoni Sampaio

Professor da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

O Professor Werner, sem dúvida, exerceu a mais profícua e duradoura influência na economia brasileira – direta e indiretamente – através da sua atuação na formação de instituições e no treinamento de pessoal. Na imagem de Douglas North (1973, 1990), ganhador do Nobel, e de Acemoglu, Johnson e Robinson (2001), as instituições estão na base do desenvolvimento econômico. Werner, percussor dessa ideia, dedicou-se a essa questão: as instituições e o desenvolvimento econômico.

Werner Baer, nascido em Nova Iorque, obteve mestrado e doutorado na Universidade de Harvard. Família erudita, seu cunhado, casado com a única irmã, foi professor em Cornell. Falava várias línguas, tendo o inglês e o alemão como nativos. Em seu doutorado estudou a política de reconstrução alemã, destacando a essencialidade das instituições e a elevada educação científica e tecnológica como fatores imprescindíveis para a rápida recuperação após a II Guerra Mundial (1958). Voltado a estudar a Europa, por circunstância casual veio à América Latina e apaixonou-se pela mesma, olhando-a sempre à luz dos seus principais campos de estudo – a economia internacional e o desenvolvimento econômico. A realidade da América Latina e do Brasil era muito diversa da Europa no pós-guerra, sem instituições sólidas e com enormes deficiências de pessoal qualificado. Seu esforço inicial voltou-se para três áreas: o estudo das instituições e o processo de desenvolvimento, o treinamento avançado e a construção de uma pós-graduação em Economia. Embora seus interesses estivessem focados no desenvolvimento econômico no mundo e sua atuação contemplasse toda a América Latina, reporto-me particularmente a suas relações com o Brasil.

Sua contribuição seminal é notável (Baer e Simonsen, 1964 e 1965; Baer e Kerstenetzky, 1964; Baer, Kerstenetzky e Simonsen, 1965). Publica livro sobre o setor siderúrgico no Brasil (1970) e

com Isaac Kerstenetzky e Anibal Vilela empreende estudo pioneiro sobre o setor público (1973), uma vez que o desenvolvimento brasileiro é marcado pela forte presença do Estado, exemplo que tinha similar nas estratégias adotadas no Japão e posteriormente na Coréia, além de livro *A Industrialização e o Desenvolvimento do Brasil* (1975). Para o mercado estrangeiro, publicou seis edições do seu livro *The Brazilian Economy – Growth and Development* (2008), sempre ampliadas e atualizadas. Seus interesses cobriam toda a América Latina, sobre a qual publica centenas de artigos, desde 1962 e até 2014 (Baer e Vaz, 2014). Permanecia ativo e atuante, apesar da idade.

Na criação da pós-graduação, tem um papel central. Apoiou os cursos de especialização da FGV e da USP, em meados dos anos sessenta. Ressalte-se que em meados desta década, já da sua colaboração com Mario Henrique Simonsen e Isaac Kerstenetzky, publica estudos marcantes sobre a economia brasileira. E já como representante da Fundação Ford para a economia, junto com David Maybury Lewis, de Harvard, para a sociologia, é creditado pelo apoio à criação dos mestrados da FGV e da USP, os primeiros do Brasil. Ainda nesta década, junto com o Banco do Nordeste, apoiou a criação do CAEN e do PIMES, além do CEDEPLAR, em Minas Gerais, e do IEPE, no Rio Grande do Sul. Um traço marcante em Werner era sua preocupação com as desigualdades, regionais e individuais. Assim, sempre pensou o país em suas regiões. E, contra o pensamento centralizador da época, que se seguiu ao curto período da visão da questão regional proposta por Celso Furtado, e tão exaltada por Albert Hirschman, amigo de Werner, insistia na criação de programas regionais. Assim, ainda na década 1970, além do CAEN e do PIMES, apoiou fortemente o Núcleo de Altos Estudos da Amazônia – NAEA, no Pará, o mestrado em Economia da UFBA, o CEDEPLAR, em Minas Gerais, a criação da pós da

UNB e o IEPE da UFRGS. A maioria dos cursos de pós-graduação em economia no país, beneficiou-se seja do apoio direto da Fundação Ford, nas décadas sessenta e setenta, ou de forma indireta através da formação de doutores, de forma continuada desde final dos sessenta. A visão multidisciplinar, que desenvolveu junto com Maybury-Lewis, na fundação Ford, a qual refletia o pensamento dos pioneiros do desenvolvimento econômico sobre a multidimensionalidade do desenvolvimento, refletiu-se diretamente nas propostas multidisciplinares do PIMES e do NAEA. Esta multidimensionalidade cultuada cada vez mais em universidades de ponta, como no MIT e em Harvard, perde espaço no Brasil para a proposta mais tradicional da formação disciplinar em Economia.

Sua última e brilhante criação, que como as outras, devem espargir benefícios acumulados pelo futuro, consistiu, com o apoio do seu amigo Jorge Paulo Lemann, desde os tempos de Harvard, na criação dos institutos Lemann, nas universidades de Illinois e Stanford, e atuação nas universidades Harvard, Columbia, MIT, UCLA, Yale e Oxford, com objetivo de financiar estudos e a formação de pessoal sobre e para a América Latina, em particular para o Brasil.

Na formação de pessoal, também sua visão de futuro esteve presente desde o início, no apoio à ida dos primeiros bolsistas brasileiros para o Centro de Crescimento de Yale (Yale Growth Center), os melhores alunos do primeiro curso de especialização em Economia, promovido pela FGV, sob inspiração de Simonsen. Werner, na época, estava ligado a Yale (1961-1965), onde pontificava James Tobin, futuro nobelista. Dela fizeram parte, entre outros, Edmar Bacha, Clóvis Cavalcanti, Flávio Versiani e Claudio de Moura Castro. A seguinte leva, em muito maior número, foi para a Universidade de Vanderbilt, onde permaneceu de 1965 a 1974. Dela participaram vários colegas, hoje aposentados, do CAEN e do PIMES. Mudando para a Universidade de Illinois, onde permanecia, formou centenas de doutores brasileiros, além de muitos outros latinos, entre os quais ministros, presidentes de Banco Central e até um ex-presidente do Equador, europeus e asiáticos. Tinha por costume, a cada ano, passar, no período de férias, um mês na Europa, quando visitava universidades e renovava contatos com colegas e ex-alunos, incluindo extensões para o leste europeu e a Ásia; e dois meses na América Latina, principalmente no Brasil, onde novamente visitava

universidades e outros centros, colegas e ex-alunos. Sempre fazendo palestras, conversando com alunos e recrutando os melhores para estudar em Illinois, mas sem nunca se negar a apoiar a ida para outras boas universidades americanas e europeias.

Werner fazia amigos e preservava amizades. Era simples e tratava igualmente, de presidentes a alunos de graduação, e nunca mostrou qualquer traço de orgulho pela sua importância acadêmica, nem nunca usou de nenhuma ligação pessoal para qualquer benefício. Era, como disse, fiel aos amigos, a quem dedicava grande consideração. E tinha um traço humano pouco destacado. Estava sempre presente junto a seus alunos, em Vanderbilt ou Illinois, os apoiando em qualquer dificuldade, acadêmica ou pessoal, inclusive financeira. Almoçava com frequência com os alunos, tinha quase mesa cativa no Illini Union, para saber do andamento dos estudos e de potenciais problemas. Promovia uma festa de boas vindas aos novos alunos brasileiros, convidando toda a comunidade local – seu famoso “queijos e vinhos”- que como bom costume americano, tinha hora para começar e para terminar.

Werner nunca teve partido, mas reconhecia na visão multidisciplinar do desenvolvimento a importância da política e da sociedade para a política econômica. Mas em ocasiões de muita desconcentração, contava que nos anos sessenta ele, e outros brasilianistas, como Albert Fishlow, chegaram a ser intimidados e acusados de ligação com a esquerda. Passados anos, houve insinuações de que seria ligado à CIA. Sempre ria dessas histórias, reflexo do partidarismo da política, que não compreende a independência do acadêmico e a liberdade e a pluralidade que deve prevalecer nas instituições acadêmicas.

A Fundação Ford, na sua época, atuou como uma janela de abertura na escuridão de uma ditadura que se fazia mais plúmbea. De fato, ajudou muitos jovens a conseguir bolsas de estudo na época mais negra da ditadura, do final dos anos sessenta a meados dos setenta. Relato um caso do qual participei, então como jovem coordenador da pós-graduação do PIMES, entre 1974 e 1975.

Um nosso aluno, brilhante, concluindo o mestrado, fez concurso para professor e em sendo aprovado em primeiro lugar, foi pedida a contratação. Foi negada, pois o mesmo tinha antecedentes. Insistimos junto ao Reitor, que ficou imprensado entre professores jovens e a assessoria de seguran-

ça, o que causou desconforto. Até que, uma conhecida, advogada de boa parte dos presos políticos em Pernambuco, informou que face ao conflito, o dito estava para ser preso. Telefonamos para Werner, que estava no Rio, e pedimos apoio para tirá-lo do país. Em menos de um mês ele estava em Illinois, com a família, com uma bolsa da Fundação Ford para fazer o doutorado. Werner nunca relatou esse e outros casos, em que atuou em nome da liberdade e da democracia, mas sempre focado no mérito acadêmico.

Essa era sua área de atuação, esses seus instrumentos e sua razão de viver. Contribuir para o avanço das ideias econômicas em benefício do desenvolvimento, da população e suas subpopulações, como diz Le Bret (1959) em sua clássica definição. Assim foi Werner Baer, a pessoa, o professor, o acadêmico, o construtor de instituições, o formador de mentes. Que seu espírito de independência, simplicidade, liberdade e mérito acadêmico perdure entre nós e traga o desenvolvimento para nossa sofrida população e faça progredir este nosso tão amado país, que sem ser o de Werner a ele se dedicou por mais de 50 anos.

ACEMOGLU, D.; JOHNSON, S. E.; ROBINSON, J. A. The colonial origins of comparative development: an empirical investigation. **American Economic Review**, v. 91, n. 5, p. 1369-1401, 2001.

BAER, W. **The Postwar Foreign Trade Recovery of Germany**, Ph.D. Dissertation, Harvard, 1958.

BAER, W.; SIMONSEN, M. H. American capital and Brazilian nationalism, **The Yale Review**, v. 53, p. 192-198, 1964.

BAER, W.; KERSTENETZKY, I. Import substitution and industrialization in Brazil. **American Economic Review**, v. 54, n. 3, p. 411-425, 1964.

BAER, W.; KERSTENETSKY, I.; SIMONSEN, M. H. **Transportation and inflation: a study of irrational policy-making in Brazil, Economic Development and Cultural Change**, jun. 1965.

BAER, W.; SIMONSEN, M. H. Profit illusion and policy-making in an inflationary economy. **Oxford Economic Papers**, v. 27, n. 2, p. 279-290, 1965.

BAER, W. **Siderurgia e Desenvolvimento Brasileiro**, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1970.

BAER, W.; KERSTENETZKY, I. (eds). **Inflation and Growth in Latin America**, Yale University Press, 1971 (primeira edição, Richard Irwin, 1964).

BAER, W.; KERSTENETZKY, I.; VILLELA, A. V. **The changing role of the state in the Brazilian Economy**, World Development. Nov. 1973.

BAER, W. **A industrialização e o Desenvolvimento Econômico do Brasil**. 2ª edição revista e aumentada, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1975.

BAER, W. **The Brazilian Economy – Growth and Development**. 6ª edição, Lynne Rienner Pub., 2008.

HIRSCHMAN, A. O. **Brazil's Northeast**, primeiro capítulo do livro *Journeys Toward Progress, Studies of Economic Policy-Making in Latin America*, Greenwood Press, Connecticut, 1971 (segunda reimpressão).

LEBRET, L. J. *Manifeste pou une Civilisation Solidaire, Economie et Humanisme*, Caluire, Paris, 1959.

MEIER, G. M.; SEERS, D. (edts.) **Pioneers in Development**, Oxford University Press, New York, 1984. 372 p.

MEIER, G. M. (ed.) **Pioneers in Development – Second Series**, Oxford University Press, New York, 1987.

NORTH, D. C.; TOMAS, R.P. **The Rise of the Western World: a new economic history**. Cambridge University Press, Cambridge, 1973

NORTH, D. C. **Institutions, Institutional Change and Economic Performance**. Cambridge University Press, Cambridge, 1990.

VAZ, P. H.; BAER, W. Real Exchange Rate and Manufacturing Growth in Latin America, **Latin American Economic Review**, v. 23, n. 2, p. 1-11, 2014.